

**MEDIANDO O ATO DE LER: REFLEXÕES A PARTIR DE PAULO FREIRE*****MEDIATING THE ACT OF READING: REFLECTIONS FROM PAULO FREIRE******MEDIANDO EL ACTO DE LEER: REFLEXIONES DE PAULO FREIRE***Mariana Parise Brandalise Dalsotto<sup>1</sup>João Paulo Borges da Silveira<sup>2</sup>Terciane Ângela Luchese<sup>3</sup>

**RESUMO:** Discutir o ato de ler e de mediação da leitura, ou seja, a ação de educadores a alguém ou a um grupo em diferentes contextos e possibilidades, é o nosso objetivo com este texto. Não nos referimos apenas à leitura da palavra escrita, mas às leituras de mundo, em relação dialética, entendendo-as como um processo educativo que se constitui de modo permanente ao longo da vida. Nos alicerçamos em nossas experiências acadêmicas e profissionais enquanto educadores e em uma pesquisa bibliográfica para ancorar teoricamente a análise e apresentar um diálogo entre nossos itinerários e os conceitos de leitura e de mediação em Paulo Freire e alguns outros autores. Tomando essas ideias como pressupostos, tivemos a intenção de abordar o ato de ler e a mediação da leitura, indicando a relevância de estar entre ambientes e pessoas que têm a leitura como hábito a fim de potencializar o ser mais e a leitura como ato de liberdade e de cidadania. Com Freire tematizamos o entendimento de leitura – do mundo e da palavra – para depois apresentar reflexões acerca de contribuições freireanas para o ato de ler e sua relação com o aprender, interligando exemplos práticos com o pensamento do educador, frisando a importância da leitura no cotidiano e da mediação, reforçadas pelo contexto pandêmico que vivemos.

**Palavras-chave:** Leitura. Mediação pedagógica. Hábito de leitura.

**ABSTRACT:** *Our aim in this paper is to discuss the act of reading and the reading mediation act to the other, that is, the action of educators to someone or group in different contexts and possibilities. We are not referring only to the reading of the written word, but to the readings of the world, understanding them as an educational process which is constituted by a permanent way throughout life. We are based on our academic and professional experiences as educators and on bibliographic research to theoretically anchor the analysis and present a dialogue between our itineraries and the concepts of reading and mediation in Paulo Freire and some other authors. Taking these ideas as an assumption, we intended to address the act of reading and the reading mediation, indicating the relevance of being in environments and with people who have reading as a habit, in order to potentialize the being more and the reading as an act of freedom and citizenship. With Freire, we thematized the concept of reading – the world and the word – and then we exposed reflections on Freire's contributions to the act of reading and its relation with learning, relating practical examples to the educator's*

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Prefeitura Municipal de Caxias do Sul (PMCS), Caxias do Sul/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4926-6320>, E-mail: [mpbrandalise@ucs.br](mailto:mpbrandalise@ucs.br).

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1144-784X>, E-mail: [jpbsilveira@ucs.br](mailto:jpbsilveira@ucs.br).

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6608-9728>, E-mail: [taluches@ucs.br](mailto:taluches@ucs.br).

*thinking, stressing the importance of reading in everyday life and the mediation, reinforced by the pandemic context in which we lived.*

**words:** Reading. Pedagogical mediation. Reading habit.

**RESUMEN:** *Discutir el acto de leer y la mediación lectora, es decir, la acción de los educadores hacia alguien o un grupo, en diferentes contextos y posibilidades es nuestro objetivo. No nos referimos solamente a la lectura de la palabra escrita, sino también a las lecturas del mundo, en una relación dialéctica, entendiéndolas como un proceso educativo que se constituye de manera permanente, a lo largo de la vida. Nos basamos en nuestras experiencias académicas y profesionales como educadores y en una investigación bibliográfica para anclar teóricamente el análisis y presentar un diálogo entre nuestros itinerarios y los conceptos de lectura y mediación en Paulo Freire y algunos otros autores. Tomando estas ideas como un presupuesto, intentamos abordar el acto de leer y la mediación de la lectura, señalando la relevancia del estar en entornos y con personas que tienen la lectura como hábito para potenciar el ser más y la lectura como acto de libertad y ciudadanía. Con Freire discutimos la comprensión de la lectura – del mundo y de la palabra – y luego presentamos reflexiones sobre las contribuciones de Freire al acto de leer y su relación con el aprendizaje, conectando ejemplos prácticos con el pensamiento del educador, subrayando la importancia de la lectura en la vida cotidiana y la mediación, reforzadas por el contexto pandémico en que vivimos.*

**Palabras clave:** Lectura. Mediación pedagógica. Hábito de lectura.

## Introdução

Aprendi a ler e a escrever com meu pai e minha mãe sob as mangueiras do quintal da minha casa. E eu costumava escrever na terra com um pedacinho de pau. É muito interessante. (FREIRE, 2011, p. 52).

Nas palavras inspiradoras de Freire (2011) situamos nossa escrita sobre o ato de ler e sua mediação. Como refere o autor, é fantástico o mundo da descoberta, do acesso aos saberes acumulados pela humanidade no tempo; ler descortina possibilidades e visões sobre si, sobre as pessoas e sobre o mundo real e imaginado. Freire (2011, p. 52), na continuidade, afirma que “Eu sabia que as palavras com as quais comecei meu aprendizado eram palavras do meu horizonte, da minha experiência e não as palavras da experiência de meus pais”, ou seja, o processo de aquisição e construção do ler e escrever, mesmo que aconteça por meio da mediação e da troca com o outro, produz sentidos específicos para cada leitor/escritor e por isso é mais significativo e conveniente quando parte do universo vocabular do sujeito aprendente. Assim, o presente texto tem por objetivo trazer à discussão o ato de ler e de mediação da leitura, ou seja, ação de educadores a alguém ou um grupo, em diferentes contextos e possibilidades. Não nos referimos apenas à leitura da palavra escrita (em nossa

sociedade cheia de signos e significados), mas sobretudo às leituras de mundo. Tomamos o ato de ler e a mediação da leitura como elementos e momentos educativos que ocorrem através de diferentes ações em nosso cotidiano, com leituras do mundo e da palavra, sejam elas mais ou menos complexas.

Para esta escrita, nos alicerçamos em nossas experiências acadêmicas e profissionais enquanto educadores e nas experiências teóricas com as quais tivemos contato por meio de pesquisa bibliográfica. Portanto, buscamos apresentar algumas reflexões que estão sendo realizadas há algum tempo e que dialogam com nossa trajetória e, em especial, com o conceito de leitura a partir de Paulo Freire (1985, 2002, 2005, 2011, 2015).

Sem a pretensão esgotarmos todas as possibilidades de caminhos exequíveis, fizemos alguns recortes teóricos e apontamentos relacionados ao cotidiano, visando examinar as relações entre teoria e prática no campo da leitura. Para tornar um hábito o ato de ler, Santos, Marques Neto e Rosing apontam que “Apenas circular em meio a materiais diversificados de leitura não desenvolve o gosto pelo ato de ler. É imprescindível conviver com uma ou mais pessoas que se envolvam eventual ou permanentemente com esses materiais, significando-os” (2009, p. 13). Desse modo, o gosto pela leitura não é transmitido geneticamente, nem mesmo ocorre por osmose (em um processo difuso e sem gasto de energia). Apesar disso parecer muito evidente, nos direciona para o seguinte questionamento: como um(a) adolescente vai gostar de ler se seus pais ou responsáveis não leem, se não há livros em sua casa e se nas escolas em que já estudou nunca houve bibliotecas ou acesso livre e orientado/incentivado a elas? Se mesmo o acesso à leitura em diferentes espaços e contextos, como em centros comunitários e/ou culturais, está em falta? Se o entorno da vida não atribui sentido ao ato da leitura, se ela não é uma prática cultural significativa, como este adolescente poderá dar-lhe centralidade? As mudanças procedentes do advento da Internet e das redes sociais, bem como os dispositivos móveis, têm alterado nossa vida, nossas formas de consumo, práticas culturais e, inclusive, práticas de leitura.

Mesmo quando há o acesso aos livros (isto sem citar outros materiais e fontes de informação), nem sempre há estímulo – e nem estamos falando em mediação, e sim incentivo. Como desejar e fazer com que crianças e jovens leiam por prazer? Muitas vezes é comum encontrarmos a leitura como prática avaliativa, ou mesmo castigo, seja na sala de aula ou na biblioteca escolar. Quem não se comporta não vai para o recreio e fica, muitas vezes, lendo na biblioteca, como se fosse um espaço punitivo por natureza,

ou mesmo copiando longos trechos de livros didáticos, por vezes sem sequer ler/entender o que está copiando.

Nestes casos nem podemos dizer que “há males que vem para o bem”, pois mesmo que seja uma atividade por si própria formativa e educativa (o ato de ler), estamos falando em punição e, conseqüentemente, construção de um sentido de desprezo pela leitura, o que poderá crescer e acompanhar na vida adulta. Claro, estamos abordando apenas alguns cenários que podemos encontrar no dia a dia. Na leitura realizada na sala de aula, muitas vezes “Os alunos leem [...] porque são obrigados a ler algum texto, cujo relacionamento com o contexto eles não conseguem perceber” (FREIRE, 2011, p. 53), e isso dificulta o apreço pela leitura e a compreensão de como e o quanto ela poderá ajudá-los em sua vida. Tendo isso em mente, buscamos refletir sobre a mediação da leitura, a constituição de leitores, as concepções de Paulo Freire a respeito da leitura e algumas contribuições do educador para pensarmos o ato de ler, reinventando-o.

### **Mediação de leitura e leitores**

A prática da alfabetização tem que partir exatamente dos níveis de leitura do mundo, de como os alfabetizandos estão lendo sua realidade, porque toda leitura do mundo está grávida de um certo saber. (FREIRE, 2014b, p. 164).

A relação dialética entre a leitura de mundo e a leitura da palavra inspira pensar no necessário respeito à cultura como ponto de partida para o processo de aprendizagem da leitura da palavra. Afinal, como propôs Freire, é conhecendo o universo vocabular de um sujeito que partimos para a construção da aprendizagem da leitura e da escrita.

Há uma frase popular que diz mais ou menos assim: “não exija de alguém aquilo que ela nunca teve”. Sem interpretar literalmente ou de forma condicionante, entendemos que quem não lê *difícilmente* conseguirá ser um bom agente e mediador de leitura. Do mesmo modo, quem foi estimulado desde cedo à leitura *possivelmente* terá maior fluência e bagagem cultural e literária para incentivar outros a lerem e a conhecerem o prazer que a leitura pode proporcionar. Porém, ao identificarmos tal situação, reconhecemos, novamente inspirados por Freire, que a conscientização da negação ao acesso à leitura não é motivo para o fatalismo que imobiliza essa mesma ação. Se somos seres inacabados e podemos *ser mais*, mesmo que a leitura não faça parte das práticas culturais que nos cercam, há possibilidades, brechas para a superação

e para a constituição de novos hábitos. Basta, para isso, a mediação, o incentivo, o acompanhamento para a descoberta.

Reforçando este ponto, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>4</sup> realizada em 2019 revela que entre os leitores, 18% sempre viam seus pais ou responsáveis lendo, 31% às vezes, 50% nunca e 1% não soube responder. Já entre os não leitores, os dados são respectivamente 10%, 19%, 70% e 1%. Chama a atenção o índice de 70% dos não leitores nunca terem visto seus pais ou responsáveis executando o ato de ler. Neste sentido, conforme aponta Santos (2009, p. 41):

Para ser um agente de leitura a pessoa tem primeiro que gostar de ler, ter vontade e compromisso social de compartilhar esse gosto e sua experiência de leitura com um outro tanto de gente, formando leitores em ambientes diversos como bibliotecas públicas municipais, escolas, fábricas, empresas associações e dentro das casas, no seio de família que abram suas portas para que os livros e a leitura possam entrar em suas vidas.

Gostar de ler. Ato talvez banal para muitas pessoas, mas não para uma parte significativa dos brasileiros. Para ser um agente de mediação de leitura, portanto, é preciso ter mais do que apreço pelos livros e pela leitura. Se torna essencial gostar de ler. E a leitura vai muito além dos livros, não é mesmo? Pois não se lê apenas a palavra escrita, mas também lugares, pessoas, contextos, propagandas, enfim, informações visuais e auditivas que nos rodeiam e estimulam, as quais também precisamos ler além das palavras escritas, nas chamadas entrelinhas. Ler considerando quem escreveu, com qual intuito, estabelecendo relações, conexões, interpretando, pensando com e para além do (con)texto. Como escreve Freire (2003, p. 235) “Leitura do contexto, leitura do texto, uma implicando a outra”.

Ainda sobre a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), o estudo aponta que o país tem um total de 48% de não leitores. Entre os principais motivos para não ler, os respondentes da pesquisa afirmam não ter tempo (34%), não gostar de ler (28%), não ter paciência para a leitura (14%) e – um dos dados mais preocupantes – 16% por não saber

---

<sup>4</sup>A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), criada e mantida por entidades ligadas ao livro – Abrelivros, Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL). A pesquisa tem por objetivo avaliar os comportamentos dos leitores no Brasil, e foi realizada em 2001, 2007, 2011, 2015 e 2019. As últimas quatro edições utilizaram a mesma metodologia de coleta e tratamento dos dados, permitindo assim a comparação entre elas. A pesquisa mostra uma regularidade entre leitores no país: 55% (2007), 50% (2011), 56% (2015) e 52% (2019), considerando leitor quem leu um livro inteiro ou partes nos últimos três meses antes da realização do estudo.

ler. A pesquisa não detalha, mas podemos refletir se seriam analfabetos funcionais, ou ainda pessoas que não leem com a fluência muitas vezes desejada na própria escola e, assim, consideram não saber ler.

Entre os participantes da pesquisa que se consideram leitores, 52% indicam que ninguém os influenciou à leitura e, quando há agentes, aparecem os professores (15%) e a mãe ou responsável do sexo feminino (13%). Já entre os não leitores, 82% dizem que nunca foram influenciados à leitura e, quando foram, os professores (6%) e a mãe ou responsável do sexo feminino (4%) também aparecem como principais agentes.

O compromisso social com a Educação e a leitura é/deve ser fundamental aos agentes de leitura, assim como para todos os educadores e outros sujeitos envolvidos nas e a partir das práticas de incentivo e mediação da leitura. Cardoso (2006, p. 166) coloca que:

A leitura é uma experiência singular que implica riscos para o leitor e para os que o cercam. Pela leitura, o leitor é posto frente a frente consigo mesmo, despojando-se dos costumes e desprendendo-se das amarras do real. Muitas vezes, teme-se a leitura pela sua falta de controle, porque é capaz de proporcionar condições para o exercício da cidadania.

Para a autora, o mediador tem o poder de despertar o desejo pela leitura, além de proporcionar e reafirmar o gosto por ela aos que já a desejam e executam. Com isso, tem também a função de indicar possíveis leituras tanto aos sujeitos que iniciam quanto aos que continuam aproximando-se da leitura. A mesma autora ainda expõe que “A mediação atua também no acompanhamento do leitor, em todo o seu percurso, podendo ser um mestre, um bibliotecário, um documentalista, um livreiro, ou qualquer outra pessoa que possa atingir ou influenciar a atividade de leitura” (CARDOSO, 2006, p. 166). Para Perrotti e Pieruccini (2014, p. 09), a mediação é “ação portadora de sentidos próprios que estão em relação com sentidos incrustados tanto nos objetos, como nos sujeitos culturais e seus respectivos contextos”. Assim, a mediação é um ato de criação, de produção de sentidos partilhados, que se efetiva na dinâmica cultural. E como escreve Zilberman (2016, p. 139), “A leitura funda-se na mediação, porque é suscitada pelo distanciamento entre o ser humano e o mundo que o circunda”.

O mediador atua para despertar o papel ativo do leitor, pois “[...] não cabe a ele [leitor] apenas buscar os sentidos do texto, colhê-los, mas gerá-los, a partir de suas vivências” (RAMOS, 2010, p. 34). Temos então, como mediadores, também a função

de aproximar texto e leitores, ou seja, permitir o acesso, mas principalmente contextualizar o texto e a obra, para que cada leitor possa sentir e ressignificar o que foi lido, de acordo com as experiências vividas.

Esse papel do mediador da leitura não se dá de maneira a transmitir ou ensinar uma forma correta de interpretar um texto ou de exprimir um sentido único ao que está escrito. Ao contrário, o papel do mediador é, antes de tudo, manter uma postura crítica e investigativa, buscando mostrá-la aos leitores, instigando-os a criarem a mesma postura frente às leituras que realizam, tendo por base seus repertórios de outras leituras e vivências pessoais. O mediador pode ter (ou tem) o papel de auxiliar não só na “leitura da palavra”, mas também na realização da “(re)leitura crítica de mundo” a partir da “leitura da palavra” (FREIRE, 1985).

Questionar e buscar entender o porquê de tal afirmação é um processo importante da leitura tendo em vista que a criticidade permite a conscientização sobre o que se está lendo e, com isso, o rompimento das cadeias de opressão que estão rodeando aquele que lê, conforme afirma Freire (1985). Não há uma significação a ser dada, mas sim construída, a partir da leitura de mundo que cada sujeito já realiza e, por isso,

Há um papel pedagógico e político nesse processo: troca de saberes, interlocução, compartilhamento solidário. O educador não poderá se omitir de, também ele, comunicar sua leitura do mundo; tornando claro que não existe uma única leitura possível. Há tantos mundos quanto leituras possíveis dele (polissemia). Leitura alguma, entretanto, é definitiva, terminal. (PASSOS, 2010, p. 239).

Nesse sentido, a partir de Freire (1985) lembramos que a leitura de mundo e a leitura da palavra estão sempre relacionadas em um movimento no qual a primeira é realizada pelos sujeitos antes da segunda, e esta, por sua vez, viabiliza uma nova leitura do mundo que invariavelmente é influenciada, seja pela família ou a comunidade, bem como pelas formas de ver o mundo e as pessoas que nos rodeiam. É a partir de nossas leituras de Paulo Freire que buscamos dar continuidade à tessitura do texto aqui proposto.

## **Paulo Freire e a leitura**

Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente (FREIRE, 2014a, p. 90).

Sujeito da História, consciente de seu papel social, inconformado com desigualdades e injustiças, mobilizado pela educação e tantos outros modos de pensar seu o legado. Ele resumiu, ao responder ao questionamento sobre um balanço da sua passagem pela Terra, como “procurei amar. E, tendo procurado amar, nunca deixei de querer conhecer” (FREIRE, 2014b, p. 252). Conhecendo, o autor contribuiu para transformar o pensamento educacional do século XX. Nascido em 1921 na cidade de Recife/PE, Paulo Freire foi alfabetizado em casa, tendo seu pai e sua mãe como grandes incentivadores do ato de ler. Suas vivências pessoais e sua história familiar e escolar tornaram-se as primeiras influências da construção de seu pensamento. A partir de suas práticas de trabalho voltadas à Educação, Freire escreveu, em 1959, *Educação e atualidade brasileira*, tese de concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife. O contexto brasileiro foi um grande influenciador de Paulo Freire durante a produção da obra e um dos fatores desencadeadores de suas reflexões para novas práticas educativas, tendo a leitura e a alfabetização como duas temáticas importantes para o que chamamos hoje de pensamento freireano. Os escritos freireanos são repletos de reflexões sobre e a partir das experiências da vida, que Freire significou, refletiu, pensou e mobilizou como constitutivos de sua própria existência e seu modo de ser/pensar/viver com coerência entre seu dizer e fazer.

A partir deste contexto e do envolvimento com práticas e movimentos de cultura e educação populares, Freire organizou uma de suas práticas mais importantes do período anterior ao exílio: seu programa de alfabetização de adultos, ou o “Método Paulo Freire”, como é conhecido. Nele, a alfabetização realizava-se junto da formação de uma consciência crítica, pois referia-se não somente à capacidade de ler as palavras, mas especialmente de ler e entender o mundo, de dizer a sua palavra e, a partir disso, intervir na realidade e na (re)construção da própria história.

O processo de alfabetização, no “Método Paulo Freire”, leva em conta o universo vocabular dos educandos, como uma referência às experiências pessoais de alfabetização de Freire. Educadores e educandos eram chamados a participar ativamente em todos os momentos desse processo. Freire propôs uma transformação na educação que também seria parte de uma transformação política. Sua concepção de educação está intimamente ligada à conscientização, à humanização e à busca pela libertação sendo, assim, um ato coletivo de diálogo, solidariedade e amorosidade. É uma educação comprometida que tem em vista a politização e, por isso, deve ocorrer a partir da

problematização da realidade, da reflexão crítica sobre a cultura e sobre o contexto no qual os educandos estão inseridos.

Esta compreensão de educação surgiu em meio a um contexto histórico e geográfico específico no qual a chamada Educação Popular, nos idos da década de 1960, estava emergindo como uma necessidade (especialmente no Brasil e na América Latina como um todo). Visava auxiliar o povo a compreender as mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas pelas quais seu contexto passava, conscientizando as classes populares das condições concretas de vida e buscando uma reescrita da história a partir da participação delas – que até então eram exploradas, colonizadas e oprimidas.

Este propósito de educação e as práticas a ela relacionadas, passaram a ser consideradas subversivas e acabaram por levar Paulo Freire à prisão durante o Golpe civil-militar de 1964, no Brasil. Conforme Ana Maria Araújo Freire (2015, p. 288),

Seu “pecado” fora alfabetizar para a conscientização e para a participação política. Alfabetizar para que o povo emergisse da situação de dominado e explorado e que assim se politizando pelo ato de ler a palavra pudesse reler, criticamente, o mundo. Sua compreensão de educação de adultos era essa. Seu difundido “Método de Alfabetização Paulo Freire” tinha suporte nessas ideias que traduziam a realidade da sociedade injusta e discriminatória que construímos. E que precisava ser transformada.

Como consequência Freire saiu do país e ficou exilado em diferentes lugares mundo afora. Chile, Estados Unidos, Suíça e países africanos são alguns nos quais atuou ministrando aulas e cursos ou promovendo diferentes processos educativos. O educador escreveu sobre suas experiências – algumas das quais com a leitura – na medida em que as realizava, relacionando sua teoria à sua prática e reinventando-se em meio aos diferentes contextos no qual estava.

Paulo Freire voltou ao Brasil em 1980, com a lei da anistia, mantendo atividades acadêmicas, de escrita e atuando junto à Secretaria de Educação da cidade de São Paulo. Sua trajetória pessoal se encerra em 1997, quando falece por conta de um infarto. Sua falta é apenas de uma presença física, pois suas experiências teóricas e práticas continuam vivas para aqueles e aquelas que as conhecem e, a partir delas, reinventam suas próprias práticas, em busca da transformação e do *ser mais*.

Conhecendo a trajetória de Paulo Freire<sup>5</sup> – explanada aqui de forma brevíssima – é possível notar que a relação do educador com a leitura foi uma constante em sua vida pessoal e profissional. Ocorreram nas aprendizagens escolares (e pré-escolares), na formação profissional, em suas práticas educativas e/ou nas experiências de escrita – para as quais Freire sempre frisou a importância da leitura.

Sua concepção de leitura certamente foi se reinventando ao mesmo tempo em que ele próprio se reinventava, e sua importância para a formação dos sujeitos foi frisada recorrentemente. Para o educador,

Ler um texto não é “passar” licenciosamente, pachorrentamente, sobre as palavras. É apreender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde, determinado. Ler, enquanto estudo, é um processo difícil, até penoso, às vezes, mas sempre prazeroso também. Implica que o(a) leitor(a) se adentre na intimidade do texto para apreender sua mais profunda significação. [...] ler um texto, sobretudo, exige de quem o faz estar convencido de que as ideologias não morreram. Por isso mesmo, a de que o texto se acha empapado, ou às vezes nele se acha escondida, não é necessariamente a de quem vai lê-lo. (FREIRE, 2015, p. 105).

Assim, ler é um processo crítico que demanda, além da interpretação, a reescrita do lido, o “repensar o pensado” (FREIRE, 2015, p. 75), o envolvimento do leitor, sua atenção, sua criticidade e, ao mesmo tempo, sua humildade e paciência. Para além da simples leitura, decodificar, compreender, interpretar, analisar, comparar são habilidades fundantes de um bom leitor. Assim, a leitura se faz como um processo educativo, considerando que “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito” (FREIRE, 2002, p. 30). Aprender a ler, em Paulo Freire (2005), é também aprender a dizer a sua palavra, que com a leitura ganha fundamento e coerência, pois a partir dela construímos conhecimento sobre o mundo que nos cerca, podemos produzir novos conhecimentos e, com eles, uma nova ação.

Para que a leitura seja realizada é preciso compreendermos que um autor, ao escrever, está imbuído de modos de pensar, pois quem escreve imprime – explicitamente ou não – seus pontos de vista no texto construído. Ao mesmo tempo, o leitor, ao ler, também o faz a partir de seus próprios pontos de vista, pois “Ler a palavra

---

<sup>5</sup> A vida de Freire e suas experiências são constitutivas do que ele se tornou, do que pensou e do que teorizou. Assim, muitas reflexões sobre a sua vida embasam seus escritos. Citamos, como exemplo, a obra *Cartas a Cristina* (FREIRE, 2003).

é lê-la como corpo consciente molhado por uma história vivida de um mundo experimentado como real [...]” (PASSOS, 2010, p. 239). Ter consciência destes aspectos é o que permite a realização de uma leitura crítica, que por sua vez permite a compreensão do texto e, ao mesmo tempo, a construção de novas aprendizagens/apreensões com base no lido. A partir da importância dessa conscientização acerca dos pontos de vista do autor e do leitor que acompanham a escrita e a leitura, Freire apresenta os conceitos de leitura de mundo e leitura da palavra, explicando que:

A leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga. (FREIRE, 2015, p. 109).

A leitura de mundo é aquela que se refere à nossa compreensão de mundo, aos elementos que nos rodeiam e que “lemos”, interpretamos. Ao mencionar suas experiências de leitura enquanto estava se alfabetizando, quase que como um complemento à epígrafe que inicia este artigo, Freire (1985, p. 13) expõe que:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

Temos então que a leitura do mundo se refere à compreensão de mundo. Freire (1985, p. 16) lembra que foi com os pais, “[...] em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra”. Podemos depreender que a leitura lhe foi mediada e assim ganhou ressignificados a partir de seus olhares para com o mundo.

Além de ser precedida pela leitura de mundo, Freire (1985) explica que a leitura da palavra é também precedida por uma escrita ou reescrita da realidade dos sujeitos, realizada por meio de uma nova prática que a transforma. A leitura da palavra é ao mesmo tempo significada pela leitura de mundo dos sujeitos e transformadora desta. Em um processo contínuo, a leitura do texto é realizada junto da leitura do contexto pois é desvelando a realidade e aprendendo a dizer a sua palavra os sujeitos, por meio do

processo de leitura realizam um movimento de recriação das palavras, do mundo e de si mesmos.

Freire (2011) escreve sobre a leitura como um ato de amor e de beleza, quando o leitor – ao ler e reler – também produz, escreve, deseja estar nessa experiência quase estética. O educador ainda sinaliza que “[...] para mim, a leitura é importante na medida em que os livros me dão um determinado instrumento teórico com o qual eu posso tornar a realidade mais clara em relação a mim mesmo” (FREIRE, 2011, p. 58), relação que se estabelece ao ler as palavras e ler o mundo, o contexto no qual estamos imersos. Portanto, para Freire o ato de ler envolve um duplo sentido, a relação com o mundo e com a linguagem, sendo a leitura um mecanismo de deciframento do mundo.

### **Contribuições freireanas para pensarmos o ato de ler**

Leio, tanto mais e melhor quando, inteirando-me da substantividade do que leio, me vou tornando capaz de re-escrever o lido, à minha maneira, e de escrever o por mim ainda não escrito. (FREIRE, 2014a, p. 102).

Nesta seção do texto buscamos trazer exemplos e práticas nas quais o pensamento freireano foi ou pode ser reinventado (e porque não ressignificado diante de fatos atuais), a partir de diferentes contextos nos quais uma prática é realizada, sobretudo no sentido da importância do ato de ler, de sua apropriação e de ações de mediação de leitura. A mediação é a dinâmica que envolve o diálogo, as trocas ativas e as ações em contextos que promovem o aprender, como nos ensina Freire. A mediação envolve problematização, liberdade e diálogo reflexivo, além de embasar a transformação social, a cidadania e a esperança (FREIRE, 2005, 2015).

A primeira questão que trazemos para refletir diz respeito ao mundo letrado e os acessos que ele permite aos cidadãos. Neste contexto, ‘acesso’ diz respeito aos fluxos transitórios na sociedade, para além do ir e vir. Exemplificamos: será que todas as pessoas vão à biblioteca pública retirar um livro emprestado? E será que todas as pessoas vão facilmente ao banco realizar um depósito?

Em ambos os casos o “acesso” é, a priori, livre para todo e qualquer cidadão, mas quem de fato consegue utilizar bibliotecas públicas, seja pela distância de sua residência, pelo pagamento da taxa de sócio (quando há) ou mesmo por realmente ser um leitor assíduo? Quem de fato consegue ter acesso à rede bancária, ou seja, ao

sistema financeiro formal e capitalista? Temos aqui dois casos em que a leitura abre ou não portas e possibilidades em uma sociedade tida ‘para todos’. Não são casos em que o indivíduo precisa ser apenas alfabetizado ou mesmo ter leitura fluente da palavra, mas exige a leitura de mundo, além de outras habilidades sociais, que permitem ser e se sentir pertencente ao grupo considerado apto a ser sócio de uma biblioteca ou a manusear com destreza uma máquina bancária.

Ainda seguindo neste contexto, o período de pandemia pelo Coronavírus, o COVID-19, que se proliferou no Brasil desde março de 2020, nos mostrou que conhecer e saber utilizar diferentes meios tecnológicos tem sua importância. Por exemplo, após acordo com o Congresso Nacional, o Governo Federal lançou o Auxílio Emergencial de abril a dezembro de 2020 como um suporte financeiro aos trabalhadores informais, autônomos, microempreendedores individuais e desempregados. A falta de acesso à internet e/ou conhecimento do meio para solicitar o auxílio gerou grandes filas nos bancos, em busca de informação. O auxílio deveria ser solicitado via aplicativo *Caixa Tem*, mas muitos brasileiros que precisavam solicitar o auxílio não possuíam acesso à internet ou aparelho celular, ou mesmo não sabiam utilizar aplicativos e ler (compreender, interpretar, muito além de decodificar) o que lhes foi informado ou solicitado.

Ainda a respeito dessas considerações e sua relação com o período de pandemia, outra dificuldade encontrada pela população (e claro, pelos que mais precisavam de apoio) foi a dificuldade de agendamentos de perícias junto ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), que atrasaram e acumularam casos devido à necessidade de isolamento (que aconteceu por um certo período), carecendo que fossem remar cadas através de outro aplicativo, o *Meu INSS*. Com as dificuldades de acesso aos recursos tecnológicos, muitas pessoas precisaram se deslocar até as agências, colocando suas vidas e de seus familiares em perigo em virtude da possível contaminação.

Estas questões nos levam a refletir sobre a leitura da palavra e do mundo pois não basta ter um celular com internet, é necessário saber utilizar o aparelho, seus aplicativos, compreender os passos a serem seguidos e os documentos necessários para cada solicitação. Esta é uma das situações concretas que demandam leitura e interpretação junto ao turbilhão de informações sobre a necessidade em si, junto à pandemia e, em muitos casos, junto à fome batendo na porta. O acesso ao mundo letrado permite que uma pessoa consiga ser de fato um cidadão, fazendo valer os seus direitos ainda que, por vezes, não haja igualdade de acesso a todos, efetivamente.

As desigualdades sociais brasileiras podem ser vistas, e por vezes sentida na pele, conforme os diferentes grupos sociais, em alguns casos desde a infância, seja com a falta de alimentação, de saneamento ou de cuidados básicos de saúde e/ou no período escolar, com as diferenças que podem ser percebidas entre os recursos e estruturas das escolas particulares e das escolas públicas. Isso sem contar as desigualdades sociais enfrentadas pelas mulheres, comunidades periféricas, negra e LGBTQIA+. Como menciona Schwarcz (2020), o Brasil não é um país pobre, mas de pobres, e com muitas formas de pobreza que foram escancaradas com a pandemia. Propaga-se entre nós o preconceito, a ignorância e o negacionismo. Novamente, na luta pelo direito de aprender, que inclui o ler, Freire inspira ao propugnar que:

A luta no Brasil, pela democracia, passa por uma série de possíveis ângulos a ser política e pedagogicamente tratados – o da justiça, sem a qual não há paz, o dos direitos humanos, o do direito à vida, que implica o de nascer, o de comer, o de dormir, o de ter saúde, o de vestir, o de chorar os mortos, o de estudar, o de trabalhar, o de ser criança, o de crer ou não, o de viver cada um e cada uma a sua sexualidade como lhe aprouver, o de criticar, o de discordar do discurso oficial, o de ler a palavra, o de brincar não importa a idade que se tenha, o de ser eticamente do que ocorre no nível local, no regional, no nacional e no mundial. O direito de mover-se, de ir e de vir. O direito de não ser discriminado nem do ponto de vista do sexo, da classe, da raça ou por outra razão qualquer, como por ser demasiado gordo ou gorda ou demasiado magro ou magra. (FREIRE, 2003, p. 203).

A luta pela democracia e pelos direitos humanos foi renovada em meio a pandemia. De certo modo, o isolamento social nos fez repensar a forma com a qual dialogamos com o mundo e com a educação. Quais são as nossas prioridades individuais e coletivas, enquanto sociedade civil? As aulas remotas podem ser outro bom exemplo para que possamos refletir sobre o acesso aos recursos tecnológicos e sobre a desigualdade de acesso ao mundo letrado. Enquanto as escolas particulares conseguiram se adaptar rapidamente (tanto por recursos da própria escola, mas também de parte de seus educandos, com relação às tecnologias), as escolas públicas encontraram maiores obstáculos para que o calendário escolar fosse mantido. Sem adentrar na questão da qualidade da educação, seja em escolas particulares ou públicas ainda antes e durante a pandemia, é inegável que a oportunidade de acesso a recursos proporcionou uma melhor continuidade das aulas às crianças e aos adolescentes matriculados na rede privada de ensino. Reconhecemos que todos eles perderam a sociabilidade, a oportunidade de aprender no coletivo com as intensas diferenças que se

apresentam no interior de uma turma e escola; perderam o encontro, a troca, a convivência e até a proteção que a escola significa para muitas crianças. Muitos professores reinventaram seu cotidiano e estiveram, de alguma forma, presentes na vida das crianças. Mas a exclusão acentuada pela desigualdade econômica certamente não pode ser minimizada.

Junto da exclusão digital, que atinge parte significativa dos brasileiros, podemos também observar a exclusão informacional, pois precisamos pensar: quem tem acesso à informação? Por quais meios? E as informações são produzidas e divulgadas por quem? Com quais interesses? Neste sentido, dois pontos devem ser brevemente discutidos: a competência informacional e as *fake news*. Ser competente informacionalmente significa não só ter acesso à informação, mas também reconhecer quando uma informação é necessária, sabendo localizá-la, avaliá-la e usá-la de forma efetiva e eficiente, buscando sanar suas próprias necessidades de forma precisa e criativa. Ottonicar, Valentim e Feres (2016, p. 126) apontam que:

Uma sociedade competente em informação é capaz de exercer plenamente sua cidadania, ou seja, os indivíduos têm a capacidade de distinguir a veracidade das informações em qualquer âmbito, conseguem reconhecer e usar fontes de informação adequadas e percebem a contrainformação.

A desinformação não é algo novo no Brasil, e tem ganhado proporções incontroláveis em diversos momentos. A eleição presidencial de 2018 é um dos muitos possíveis exemplos. Além da desinformação, vimos crescer as *fakes news*, notícias falsas com propósito de deixar o receptor confuso ou difamar algo ou alguém, especialmente através nas redes sociais, como os opositores, suas trajetórias e projetos.

Tanto a desinformação quanto as *fake news* podem ser combatidas com educação, igualdade de acessos e inclusão à informação, de forma que a população se torne de fato competente em leitura e interpretação e saiba distinguir o que é fato e o que é *fake* a partir da busca de canais confiáveis e tendo criticidade para tomar as suas próprias decisões a partir do que lê e interpreta. Essas e tantas outras situações cotidianas nos fazem pensar, com e a partir de Freire, na importância do compromisso político do educar e na função social do exercício da leitura, da palavra e do mundo, de forma dialética.

Podemos relacionar estas questões com o período de pandemia: será que a população, de forma geral, não sabe que é preciso utilizar máscara para evitar que o

vírus se propague? Esse é um tipo de informação repetida incansavelmente em vários meios de comunicação, inclusive em cartazes nas portas de estabelecimentos. Mas por que será que tantas pessoas insistem em não as utilizar? Neste caso, entendemos que não é apenas uma questão de falta de informação, mas de desinformação, tendo em vista que o então presidente da república, Jair Bolsonaro, reiteradamente deu exemplos negativos quanto ao uso de máscara, minimiza a pandemia, sendo esta, para ele, apenas uma "gripezinha". Temos um exemplo de leitura de mundo, intencional ou ingênua, que carece de criticidade e interpretação do que é real, do que é fato, do que merece crédito e o que deve ser desconsiderado. Até mesmo os números de óbitos em virtude da pandemia foram relativizados e desqualificados. Isso leva a conclusão de que nos falta leitura e competência em informação enquanto sociedade que se diz da informação.

Entendemos que quando Freire menciona a leitura, o educador em especial tem como pressuposto uma leitura crítica e consciente (das palavras e do mundo). A leitura, em Freire, é um elemento não só para aquisição de informações, para a leitura do que está escrito, mas também para uma conscientização, um entender também o “não dito”, o que não está explícito, mas que está nas entrelinhas. Veículos de comunicação e informação, especialmente, mas todo e qualquer texto, de modo geral, perpassam pelo modo de pensar de seu autor (ou da linha editorial do jornal/revista/site em que se encontra) e isso precisa ser considerado no momento da leitura. É preciso sair de uma consciência ingênua para ter consciência crítica a partir daquilo que se está lendo. Para Freire (1985, p. 11), o ato de ler é uma ação que:

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

A interpretação e a compreensão daquilo que se está lendo acontecem a partir da realidade do leitor e pode ter (ou já tem) a intenção de auxiliar na compreensão desta realidade para, com isso, (poder) desencadear uma nova ação do leitor a partir/em função do que vem acontecendo ao seu redor. A leitura nos auxilia na construção de conhecimentos que podem transformar nossas ações. Por isso a leitura, a construção de conhecimentos e o nosso agir no mundo estão entrelaçados, seja em um momento

específico, como agir em uma pandemia, seja para construção da nossa concepção de mundo e de ser humano que queremos ser.

Mediante o exposto, o pensamento freireano contribui diretamente na discussão do tema, nos provocando sobre o sentido e a importância de ler o mundo para além da palavra. A leitura nos abre caminho para a autonomia intelectual, para o senso crítico, para um possível processo de emancipação e conscientização da condição antropológica e histórica que cada sujeito ocupa numa sociedade. Mobilizar a capacidade de reflexão e reconhecimento da condição histórica individual e coletiva, das relações entre a sociedade e o Estado, bem como das manipulações de mídias com a proliferação de notícias falsas, coloca a leitura como central para a cidadania e uma existência digna, pois “sonhos são projetos pelos quais se luta” (FREIRE, 2014a, p. 62).

### **Algumas considerações**

Educação que por isso mesmo libertasse pela conscientização. Não aquela educação que domestica e acomoda. Educação, afinal, que promovesse a “ingenuidade”, característica da emersão, em criticidade, com a qual o homem opta e decide. (FREIRE, 1986, p. 66).

A leitura foi e é importante em nossa sociedade, esta cada vez mais grafocêntrica e, quando pensamos em um momento como o da pandemia de COVID-19, ela é ainda mais relevante, porque acaba sendo a via de acesso a informações que podem salvar ou colocar em risco a vida das pessoas. A leitura nos constitui enquanto seres humanos, viabiliza a construção de conhecimentos e o acesso a informações, mas também desperta a imaginação e a criatividade, tão necessárias à vida, considerando as inseguranças do/no mundo em que vivemos.

É a leitura que pode fazer com que os educandos tenham acesso às informações do cotidiano e a conhecimentos relevantes para suas vidas, e nisto está a importância do saber ler e compreender, do saber onde ler, do saber pesquisar, distinguir a origem daquilo que está sendo lido, do saber construir novos conhecimentos a partir do que se lê e da realização de novas ações a partir destes novos conhecimentos. Pensamos que “A educação consegue dar às pessoas maior clareza para ‘lerem o mundo’, e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política” (FREIRE, 2014b, p. 50), de diálogo, de luta pelos direitos humanos, pela dignidade.

Tomando estas ideias como pressuposto, tivemos a intenção de abordar, neste texto, algumas reflexões acerca do ato de ler e da mediação da leitura, indicando a importância de estar em ambientes e com pessoas que têm a leitura como hábito. Na sequência buscamos introduzir brevemente o que é a leitura para Paulo Freire, explicitando também seu contexto de vida, no qual a leitura foi tida como importante. Por fim, apresentamos algumas reflexões acerca de contribuições freireanas para o ato de ler, relacionando exemplos práticos ao pensamento do educador e frisando a importância da leitura no cotidiano de todas as esferas e grupos sociais, incluindo no contexto da pandemia.

Paulo Freire indica em vários escritos – para além dos aqui mobilizados – o papel da leitura na vida das pessoas, sendo esta importante para sua sobrevivência, para suas lutas, para suas relações cotidianas etc. O acesso à leitura está relacionado à possibilidade de conscientização acerca do mundo que nos rodeia e, por conseguinte, de transformação deste mundo. A leitura do mundo e a leitura da palavra permitem uma nova compreensão de mundo e o dizer a nossa própria palavra. Para Freire (2005) a palavra verdadeira é práxis: ao ler e dizer a nossa própria palavra poderemos escrever e reescrever a nossa própria história, transformando realidades por meio de um agir consciente e imbuído de sentido afinal, pois “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo” (FREIRE, 2014a, p. 65).

### Referências

CARDOSO, Rosemeri Darc. Livrarias e escolas: espaços de mediação. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Territórios da leitura: da literatura aos leitores**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006. p. 165-183.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortêz. 1985.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 6. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

OTTONICAR, Selma Letícia Capinzaiki; VALENTIM, Marta Lígia Pomim; FERES, Glória Georges. Competência em informação e os contextos educacional, tecnológico, político e organizacional. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 124-142, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2203>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura do mundo. In: STRECK, Danilo R.; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 12 jan. 2021.

RAMOS, Flávia Brocchetto Ramos. **Literatura infantil**: de ponto a ponto. Curitiba: CRV, 2010.

SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tânia M. R. Apresentação. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tânia M. R. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 13-22.

SCHWARCKZ, Lilia M. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Schwarckz, 2020.

ZILBERMAN, Regina. Para uma política de mediação em leitura. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 2, p. 126-141, maio, 2016. Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10234\\_REGINA+ZILBERMAN](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10234_REGINA+ZILBERMAN). Acesso em: 05 fev. 2021.

**Enviado em:** 08/06/2021.

**Aceito em:** 10/12/2022.

**Publicado em:** 30/12/2022.